

tinha lido toda aquela complicada trama em um romance ou visto tudo em um desses filmes policiais que entre nós constituem uma parte básica do tempo livre e que depois esquecemos rapidamente. A caçada ao homem, com todos os seus requintes é dos temas que jamais perdem o atrativo e podem variar ao infinito. Algumas vezes me permito pôr no luminar resumos da obras de Pitaval e de outros autores similares. Sobre o tema do assassinato de um cadáver, descobri, em Day Keene, um clássico do gênero, uma receita parecida. É uma das variantes que, desde os tempos de Caim, reaparecem em nossos pesadelos: em sonhos, pensamos ter cometido um assassinato; o despertar nos devolve nossa inocência.

Mas por que o professor relatou este assassinato com tanta riqueza de detalhes? Afinal, não se tratava de um curso de direito, mas de filologia. No entanto, breve se pôde confirmar que Thofern estava à altura da missão que o Domo lhe tinha confiado.

“Senhores, o tribunal via-se diante de uma acusação em que era solicitada pena capital. A defesa pediu absolvição total. Vamos acompanhar seus passos, analisando o significado da palavra ‘apunhalar’.

Suponhamos que o golpe contra o traficante foi desferido quando ele ainda vivia e que foi o causador da morte; é claro que neste caso estaríamos ante um homicídio com premeditação. Se o golpe não tivesse produzido a morte, a defesa se basearia em lesões corporais. Não era o caso. Não se pode matar nem causar lesões corporais em um cadáver, no sentido enunciado. Do contrário, também seria possível punir o legista que faz a autópsia.

A defesa tem que demonstrar, por conseguinte, que o comerciante não foi apunhalado (*erstochen*),

mas ‘punçado’ (*gestochen*), e que portanto se tratava de uma ação sem conseqüências puníveis. Ora, o *facchinaccio* não teria sido capaz de basear sua defesa nesta diferença, pois isso supera o nível de seus conhecimentos gramaticais; cabia ao advogado de defesa pôr em seus lábios as palavras adequadas.

Senhores, a diferença entre estes dois prefixos pode parecer mínima. Contudo têm aqui um exemplo de sua transcendência. O *er* nos leva às raízes da linguagem. É um *ur* enfraquecido.

‘O *ge*, em contraposição, amplia, generaliza, como montê (*Berg*) em montanha (*Gebirg*). Mesmo que neste caso a sílaba se enfraqueceu e trivializou-se com o uso.’

Thofern sorriu: “Pode-se tirar daqui muitas conclusões. O *er* encerra a idéia de soberania. A distância da lua pode ser calculada por qualquer pessoa que possua alguns conhecimentos de trigonometria. ‘Mediu-a’ (*gemessen*), ‘provou-a’... é um conhecimento geral que divide com a sociedade. Porém ‘comprová-la’ (*ermessen*) é coisa que cada um tem de fazer por si mesmo”.*

A seguir, passou a examinar outra circunstância: “Poderíamos também supor que o comerciante sucumbiu ao ataque de um grupo e, quando recebeu a última punhalada, já estava morto. No caso não se trataria do prosseguimento de um ato, mas de um ato continuado.

Isto cria uma diferença que se refere mais à crimi-

*Obviamente, o autor explora as possibilidades lingüísticas do alemão que, por fidelidade ao texto, são conservadas na tradução. A correspondência portuguesa do “ur” é o “proto” (protomártir, protagonista), às vezes enfraquecido pelo uso em “pro” (prólogo). A idéia generalizadora do prefixo “ge” germânico é expressa em português em vários casos: o prefixo “ex” (explorar) o sufixo “al” (carvalhal). (N. da T.)